

DAS ÁGUAS MÍTICAS DO STYGIAN: REFLEXOS DA PERSONIFICAÇÃO DE NARCISO SOBRE A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

*Carlos Roberto da Silveira*¹

*Meire Aparecida Sampaio*²

RESUMO

No percurso da história da humanidade, muitos estudiosos se ocuparam e se ocupam em dar ao mito seus verdadeiros significados e sentidos. O mito é uma narrativa simbólica que ajuda o homem a compreender sua origem e a origem do mundo. Por isso, há muito tempo, o mito passou a ser analisado como um arquétipo. Toma-se como norte desta pesquisa a importante obra *Metamorfoses* do poeta Públio Ovídio Naso que narra o mito de *Narciso* e sua relação com a Ninfa *Eco*. São fortes os reflexos da personificação do mito de *Narciso* sobre a sociedade contemporânea, caracterizada pelo seu individualismo hedonista e afastada dos valores do bem-comum. Tal artigo tem por objetivo elucidar a importância dos mitos, mostrar que estes ainda estão vivos e são importantes para o despertar consciente do homem contemporâneo, quanto à vida integral e ao seu mundo.

Palavras-chave: Individualismo, Mito, Mitologia, *Narciso*, Bem-comum.

ABSTRACT

In the course of mankind's history, a lot of scholars engaged and still engages to give to the myth its true meanings. The myth is a symbolic narrative which helps man to understand his origin as well as world's origin. This is why the myth began to be studied as an archetype. Metamorphosis, an important work written by Públio Ovídio Naso which narrates *Narcissus'* myth and its relation with Nymph *Eco*, was taken as the north of this research. The reflexes of *Narcissus'* myth personification about the contemporaneous society are strong, characterized by its hedonistic individualism, away from the values of the common good. This article has as its goal to elucidate myth's importance, to show that they're still alive and are important to awaken contemporaneous' man conscious about his life and his world.

Keywords: Individualism, Myth, Mythology, *Narcissus*, Common good.

¹ Doutor em Filosofia pela PUC-SP. Professor da Faculdade Católica de Pouso Alegre.

² Especialista em Ensino de Filosofia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre. Graduada em Letras pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila (Lorena-SP).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante toda a história da humanidade, o mito foi revestido de diferentes significados. Em específico, a mitologia grega teve dois grandes representantes, dois grandes poetas, Homero³ e Hesíodo⁴ que disseminaram o *lógos* mítico no Oriente e, principalmente no Ocidente. Ovídio, noutro tempo, recordou-se desses mestres e a mitologia misturou-se a Roma numa *metamorfose*. Milênios se seguiram com os mitos desempenhando um importante papel na história da humanidade. Tais mitos constituem o arcabouço dos valores espirituais e materiais inerentes ao homem, à alma e ao mundo.

Em nossa sociedade contemporânea, a personificação de uma narrativa passada, encaixa-se perfeitamente à temática do mito de *Narciso*. Atualmente, tal mito pode ligar-se ao cinismo para com os valores do bem-comum, à alienação, ao individualismo exacerbado e ao culto a si próprio.

1. A HUMANIDADE À SOMBRA DA MITOLOGIA

“Você é eu! Sinto isso, reconheço minha imagem agora. Ardo de amor por mim mesmo, eu próprio ateei o fogo que agora me queima” (OVÍDIO, 2003, p.64).

A mitologia é uma importante referência para compreendermos o homem e os seus problemas existenciais diante do mundo. Esta trata do desejo humano de dominar e afugentar

³ De acordo com Giovanni Reale (2003, p. 6-7), Homero é considerado pela tradição autor dos poemas *Ilíada* e *Odisséia*, consideradas a base do pensamento grego e em geral do pensamento ocidental. A religião grega se distinguiu em religião pública e em religião dos mistérios, em particular a órfica, inspirada em Homero e Hesíodo. O helenismo também buscou esteio nos poemas homéricos, que exerceram entre os gregos influência análoga à que a Bíblia exerceu entre os Hebreus.

⁴ Carlos Roberto da Silveira (2010, p.62) aponta que “É provável que Hesíodo tenha vivido no final do século VIII, ou começo do século VII a.C. (Período Arcaico), sendo contemporâneo de Homero. Hesíodo era um camponês que neste passado remoto, vagou pelas terras da Beócia, cantando as ‘verdades’, as revelações (*alethéa*) entoadas pelas deusas *Musas* filhas de *Zeus* e de *Mnemosyne*. Tais revelações, posteriormente cantadas por Hesíodo (primeiro poeta a cantar na primeira pessoa) e guardadas na memória pelo *aedo*. (...) Suas canções ecoaram-se nas vozes de outros *aedos* por séculos, através da oralidade, mesmo após repousarem-se por entre papiros e pergaminhos sobre a forma da escrita”.

aquilo que lhe causa insegurança, temor e incompreensão diante do desconhecido e da morte. Dos mitos brotam os símbolos que, carregados de significados, agregam valores e organizam a realidade a partir da experiência, oferecendo suporte para estruturar a sociedade. Isto não é exclusividade de povos primitivos. Não se trata de delírios, fantasias e mentiras. São valores que se estabelecem com a missão de explicar as coisas, organizá-las e compreendê-las. Dessa forma se definem as maneiras como uma determinada cultura interpreta a vida e o mundo com os quais interage.

Embora o mito não se apresente com a vitalidade que se fazia sentir nas culturas primitivas, este sobrevive no homem contemporâneo como componente indissociável da maneira humana de compreender a realidade. Procurando refletir sobre seu sentido e significado, é necessário ter em mente que o mito constitui um dos ingredientes vitais da civilização humana. Em outras palavras, o mito faz parte de nossa vida cotidiana como uma das formas indispensáveis do existir humano. O mito é um modo de falar, ver e sentir as dimensões da realidade inatingíveis racionalmente, dando-lhes significado e consistência. Dessa forma, o pensamento mítico põe limites à reflexão filosófica, que é estritamente racional.

Por assim ser, a racionalidade filosófica sempre relutou em aceitar os componentes míticos da vida como critérios que legitimassem uma visão de mundo, uma visão do outro, uma visão da vida. Séculos demoraram para que as antropologias se dessem conta de que era preciso redescobrir no ser humano outros níveis de “pensar” a vida que não os de ordem estritamente racional. Em outros termos, descobrir que o ser humano é colocado no ser não pela razão ou pelo intelecto, mas pelo desejo (NOVASKI, 1988, p.25,26).

Segundo o pensador romeno Mircea Eliade o mito é uma história sagrada e verdadeira. Nos tempos primevos, o mito forneceu as estruturas físicas, psicológicas e espirituais para compreender o Mundo, cuja dimensão, ainda perpassará os nossos dias.

(...) o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: Ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos, sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em

suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural (ELIADE, 2010, p.11).

O ser humano sempre se preocupou com sua origem e com a origem de tudo que o rodeia e esta preocupação está articulada no mito de acordo com os valores e significados de cada lugar. Para adentrar-se ao contexto de cada mito é necessário um conhecimento mais amplo de tudo que serviu de referência à reflexão que este contém. O mito é um espelho que reflete a imagem e os pensamentos de uma sociedade através de suas crenças. É como uma via de acesso às estruturas básicas do pensamento e do comportamento humano.

Conforme Eliade, o mito surge da necessidade do homem em narrar sua existência e a de todas as coisas. Através do mito é possível revelar a origem do mundo.

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje – um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras (ELIADE, 2010, p.16).

Erroneamente a ótica contemporânea enxerga o mito como fábula, lenda, invenção e ficção. Deve-se compreender que o mito é uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo. Assim pode-se definir o mito como o elo entre o consciente e o inconsciente coletivo somado às heranças das vivências das gerações anteriores. Dessa forma, o mito tem exercido grande influência na cultura, nos sentimentos e atitudes conscientes e inconscientes de um povo.

Max Müller declara que a sociedade contemporânea está impregnada de mitos. Isso é inevitável, pois é uma necessidade inerente à linguagem:

...a Mitologia é, em suma, a obscura sombra que a linguagem projeta sobre o pensamento, e que não desaparecerá enquanto a linguagem e o pensamento não se superpuserem completamente: o que nunca será o caso. Indubitavelmente, a Mitologia irrompe com maior força nos tempos mais antigos da história do pensamento humano, mas nunca desaparece por inteiro. Sem dúvida temos hoje nossa Mitologia, tal como os tempos de Homero, com a diferença apenas de que atualmente não reparamos nela, porque vivemos à sua própria sombra e porque, nós todos, retrocedemos ante a luz meridiana da verdade.

Mitologia no mais elevado sentido da palavra, significa o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento, e isto em todas as esferas possíveis da atividade espiritual (MÜLLER, 1876, *Apud* CASSIRER, 2006, p. 19).

É objetivo para o momento, focarmos o famoso mito de *Narciso* correlacionando-o com o mundo contemporâneo, pois mais do que nunca na história da humanidade, vivemos a celebração da aparência física, do culto ao corpo e do consumo desenfreado como forma de encontrar a suprema felicidade. E nesse processo sedutor do “ter” e não do “ser”, o homem se autodefine e vê o mundo, como forma de reafirmação de suas necessidades. Para Ernest Cassirer, o homem é um animal racional e além disso, ele conserva a essência do modo mítico de comportamento, podendo ser definido como um ser simbólico dotado de afetividade e emoção.

Os grandes pensadores que definiram o homem como um *animal rationale* não eram empiristas, nem jamais tentaram oferecer uma explicação empírica da natureza humana. Por meio desta definição, expressavam antes um imperativo moral fundamental. Razão é um termo muito pouco adequado para abranger as formas da vida cultural do homem em toda sua riqueza e variedade. Mas todas estas formas são simbólicas. Portanto, em lugar de definir o homem como um *animal rationale*, deveríamos defini-lo como um *animal symbolicum* (CASSIRER, 1977, p. 51).

2. A IMAGEM DE NARCISO NAS ÁGUAS DO STYGIAN

Assim, acredita-se que o milenar mito de *Narciso* possua paralelos importantes para uma nova interpretação sobre o homem contemporâneo o qual apenas vê-se a si próprio. Tal homem vive uma cultura direcionada ao individualismo, ao “narcinismo”, uma mistura de *Narciso* e cinismo que leva a um individualismo extremado, distante do bem-comum, da não preocupação com o “outro”, voltado para o culto ao corpo, ao ego, constituindo uma “sociedade do espetáculo”.

Como norte desta pesquisa, torna-se importante a obra do poeta Ovídio⁵, que apresenta o

⁵ “... em 43 a.C., nasceu na cidade de Sulmo, a leste de Roma, (...) um latino de nome Públio Ovídio Naso. Ele escreveu várias obras e *en-cantou* grandes poetas futuros como Dante, Milton, Shakespeare, dentre outros. Ovídio estudou retórica e fez de sua poesia, a portadora de temas éticos. Ao longo da vida, obteve prestígio, mas logo foi desterrado pelo Imperador Augusto, que o acusou de imoral. Morreu em Tomos, na Romênia no ano de 17”. Obras de Ovídio: “*Amores* (Os amores) em cinco volumes, *Arns Amatoria* (A arte de amar), *Epistulae heroidum* (Heróides), *Remedia amoris* (Os remédios do amor), *Fasti* (Os fastos) uma coleção de doze livros, *Metamorfoses* em quinze livros, *Tristia* (Triste) e a *Epistulae ex Ponto* (Epístolas do Ponto)” (SILVEIRA, 2010, p.67).

mito de *Narciso* (versão romana) em sua *Metamorfoses*. Neste livro, ele escreve a desventurada relação entre *Narciso* e a ninfa *Eco*.

Conta Ovídio, que a Ninfa das águas, Náiade do rio, *Liriope*, a quem o deus dos rios, *Céfiso*, abraçou e arrebatou para sua casa aquática, deu à luz um menino de raríssima beleza, a quem deu o nome de *Narciso*. Preocupada com a beleza estonteante de seu filho⁶, foi consultar o famoso profeta, o adivinho *Tirésias* (Tirésias obteve tais dons do supremo Zeus) que lhe disse que *Narciso* teria vida longa se ele nunca “se conhecesse”. As palavras do adivinho soaram muito estranhas, porém o tempo provou que elas eram verdadeiras.

Aos dezesseis anos, *Narciso* era assediado por jovens e donzelas. Porém, o garoto de forma esbelta era tão frio e orgulhoso que não houve pessoa que lhe despertasse o coração.

Certo dia, ele estava caçando um cervo, quando uma ninfa chamada *Eco* o viu. *Eco* tinha um jeito peculiar de falar, ela só podia repetir a fala alheia. Isso foi devido ao castigo aplicado pela deusa *Juno* (deusa romana identificada com Hera) que certa vez, ao tentar surpreender *Júpiter* (deus Zeus para os gregos) namorando com alguma ninfa nas montanhas, foi distraída por *Eco*, que, falando alto, permitiu que a ninfa fugisse.

Assim, a deusa *Juno* bradou: “A língua que tentou me enganar encurtará, terá pouco uso, a voz será um resumo, daqui em diante” (Ovídio, 2003, p. 62).

Ao ver *Narciso* na floresta, *Eco* encheu-se de desejo por ele, e tentou falar-lhe tudo o que sentia, mas não pode fazer, por força do castigo recebido. A partir de então, ela passou a persegui-lo em segredo. À medida que ela o acompanhava seu desejo aumentava, “como quando o enxofre, jogado na ponta de uma tocha, entra em combustão, quando outro fogo se aproxima” (*Ibid.*, p. 62). *Narciso* perdeu-se do grupo de amigos e passou a chamá-los. “Tem alguém aí?” (*Ibid.*, p. 62) e *Eco* respondia “Aí!” (*Ibid.*, p. 62). *Narciso* surpreso, sem ver ninguém se aproximando, chama alto “Venha até mim!”, “Por que você foge de mim?” (*Ibid.*, p. 62). Suas perguntas se repetiam por entre as árvores. “Vamos ficar juntos!” (*Ibid.*, p. 62). Ao ouvir essas palavras, entusiasmada, *Eco* sai do bosque com os braços prontos para enlaçar *Narciso*. Este, porém foge dela e grita, “Fique longe de mim!, e não me toque!”. “Eu morreria antes de lhe dar

⁶ De acordo com Junito de Souza Brandão (2009, p.182), a beleza fora do comum era inconcebível e assustadora na cultura grega. Somente os deuses poderiam ser portadores de uma beleza descomedida, a beleza de *Narciso* pode ser vista como uma afronta aos deuses.

alguma chance!” (*Ibid.*, p. 62).

Eco, entristecida e sentindo-se rejeitada, buscou esconder-se nas cavernas solitárias, mesmo assim o amor atrelou-se a ela. *Eco* não conseguia comer ou dormir e definhou até que restasse somente sua voz. Seus ossos viraram pedra, ninguém nunca mais a viu pela floresta, mas ela estava lá, porque sua voz ainda ecoava.

Narciso continuou a desprezar as moças e também os rapazes, até que uma ninfa desdenhada bradou aos céus, “Possam *Narciso* amar um dia, de modo que ele próprio não consiga ganhar a criatura que ama!” (*Ibid.*, p. 62). *Nêmesis*⁷, a deusa da vingança, ouviu aquela súplica e julgou correta a sentença.

Certa vez, *Narciso*, esgotado pelo calor, foi refrescar-se e saciar a sede nas águas do *Stygian* (local no qual nenhum animal, ou pássaro, ou folhas jamais tocaram) e, ao se debruçar sobre a lâmina d’água, viu refletida uma bela imagem. Imediatamente, apaixonou-se perdidamente por aquele ser refletido. Seus olhos fitaram a beleza jamais vista por ele, permaneceu imobilizado, ardia de desejo, e quando tentava abraçar a imagem refletida, era menosprezado por esta que se esquivava.

“Afunda nela seus braços na tentativa de abraçar o rapaz que vê ali, e constata que o rapaz, ele mesmo, é esquivo, sempre” (Ovídio, 2003, p. 62).

O tempo passa, à margem do lago, *Narciso*, sem comer, beber ou descansar, definhava-se aos poucos. Completamente iludido com a imagem, não reconhecia seu próprio reflexo. Acreditava que era um outro ser, a quem ele estendia os braços e aproximava os lábios, mas ao

⁷ Torna-se importante identificar esta deusa, por ser também uma personificação da justiça divina: “Uma das numerosas filhas de *Nix* (a Noite). Desejada por Zeus ela tentou fugir às suas investidas amorosas transformando-se sucessivamente em criaturas diferentes, até tomar a forma de uma gansa. Zeus, sempre perseguindo-a, metamorfoseou-se em cisne e afinal a possuiu. Mais tarde *Nêmesis* pôs um ovo, que alguns camponeses acharam e deram a Leda. Desse ovo teriam nascido Helena e os Diôscuros. *Nêmesis* era também a personificação da justiça divina, castigando inexoravelmente a presunção humana em suas demonstrações de demasia ou de arrogância. Sob este aspecto é significativo o seu epíteto “*Adrasteia*”, que quer dizer “Inevitável”. Em Rammus, uma localidade da Ática situada nas proximidades de Maratona, existia um santuário célebre de *Nêmesis*, onde havia uma estátua da deusa feita de mármore pário famosa na antiguidade. Segundo Pausânias o mármore estava sendo trazido pelos persas quando atacaram a Ática, pois em sua arrogância contavam com a vitória sobre os gregos e pretendiam usá-lo para comemorar o aniquilamento de seus adversários. Depois da derrota dos persas Fídias, o famoso escultor ateniense, fez com o mármore trazido insolentemente por eles a estátua de *Nêmesis* que os punira dando a vitória aos gregos. Outro exemplo da presunção humana castigada por *Nêmesis* é o de Cresos, rei da Lídia, que se considerava o mais venturoso dos homens; levado por sua presunção desmedida, Cresos atreveu-se a atacar Ciro, rei dos Persas, e amargou uma derrota completa” (KURY, 2003, p. 278).

beijá-lo não era correspondido. Muito embora a imagem parecesse corresponder ao seu amor, desespera-se ante a ameaça de perdê-lo, e percebe finalmente a verdade.

Você é eu! Sinto isso, reconheço minha imagem agora. Ardo de amor por mim mesmo, eu próprio ateei o fogo que agora me queima. O que devo fazer? Devo dar ou tomar a pergunta? O que devo perguntar? O que eu desejo está comigo, minhas riquezas me fazem pobre. Se ao menos eu pudesse escapar de meu próprio corpo (OVÍDIO, 2003, p. 64).

Assim, tendo suas forças sugadas pela tristeza, *Narciso*, consumido pelas dores da paixão, afunda-se no relvado e a morte lhe fecha os olhos. Suas irmãs, as *náiades*, as *dríades* (ninfas que protegem as árvores) choravam por ele. *Eco* fazia o mesmo e, ao buscar seu corpo para conduzi-lo à pira funerária, encontrou no lugar uma flor, com miolo amarelo, cercado de pétalas brancas. Eis a flor de Narciso, eis o seu “símbolo”!

3. REFLEXOS DO *STYGIAN* SOBRE A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A narrativa mítica da representação de *Narciso* e *Eco* pode ser importante para uma análise da sociedade contemporânea.

Tal sociedade pode ser caracterizada pela tendência narcisista presente em sua cultura. Os indivíduos pós-modernos⁸ concebem sua imagem como parte integrante de um modelo de vida considerado aceitável, dessa forma, o poder, a imagem, o culto ao corpo, o consumo exagerado e desnecessário tornaram-se os valores dominantes dessa sociedade, renunciando as virtudes como dignidade, integridade, autorrespeito e bem-comum.

Desta maneira, Guy Debord (2003) usa o termo “espetáculo” para falar de uma nova sociedade fragmentada, que perdeu a noção de si mesma, que identifica a felicidade ao consumo, gerando assim pessoas individualistas, desintegrando a vida familiar, desenvolvendo-se o caos e criando uma atmosfera de irrealidade. O “espetáculo” constitui a relação social entre os indivíduos. Essa relação é mediada nem tanto pelas coisas, mas pelas imagens. Espetáculo em

⁸ Segundo Hall (2006, p.9-12) o indivíduo pós-moderno é fruto do processo de identificação da qual são projetadas as identidades culturais. Antes era visto como um indivíduo portador de uma identidade fixa e estável, atualmente vive a perda de “sentido de si”, ou seja, deslocamento ou descentração do sujeito, o que constitui a crise de identidade.

que a imagem é uma abstração do real.

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o *modelo* presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e no seu corolário — o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a *presença permanente* desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna (DEBORD, 2003, p.9,10).

A incapacidade de *Narciso* de amar outra pessoa simboliza no homem moderno, a conquista de uma autonomia baseada no eu e no individualismo.

Segundo Giles Lipovetsky (2005, p.15), estamos vivendo uma segunda revolução individualista, a da era do vazio. Uma ruptura com aquela instituída nos séculos XVII e XVIII, que gerou uma sociedade desagregada de seus costumes e do próprio indivíduo, assumindo um comportamento narcisista, como consequência do processo de personalização. O processo de personalização, positivamente, “corresponde ao agenciamento de uma sociedade flexível baseada na informação e no estímulo das necessidades”, no qual os indivíduos se guiam pelas motivações e desejos. O processo de personalização instituiu como valor fundamental da sociedade narcisista a realização pessoal do indivíduo.

Com o desaparecimento do autoritarismo democrático, o processo de personalização libertou a sociedade da “ordem disciplinar-revolucionária-convencional que prevaleceu até o decorrer da década de 1950” (Lipovetsky, 2005, p. 16). Uma era antes marcada pela dominação das ideias de sacrifício e castigo, hoje governada pela valorização dos desejos, da liberação dos prazeres e da produção do corpo, tendo como imperativo moral os valores hedonistas.

Na verdade, o narcisismo foi gerado pela deserção generalizada dos valores e finalidades sociais, ocasionada pelo processo de personalização. A anulação dos grandes sistemas de sentidos e o hiperinvestimento no Eu andam de braços dados: nos sistemas com “aparência humana”, que funcionam para o prazer, o bem-estar, a despadronização, tudo ocorre para a promoção de um individualismo puro, ou seja, psicológico, desembaraçado dos enquadramentos de massa e projetado para a valorização geral do indivíduo (LIPOVETSKY, 2005, p. 34).

Com a superação da fase individualista dotada de um imaginário de rigor quanto à liberdade, antes circunscrita à economia, à política e ao saber, o homem contemporâneo tem como ideal a realização pessoal individual. O narcisismo atual relaciona-se com a hipervalorização do eu, há a passagem de um individualismo limitado para o total.

O narcisismo designa o surgimento de um perfil inédito do indivíduo nas suas relações consigo mesmo e com o seu corpo, com os outros, com o mundo e com o tempo no momento em que o “capitalismo” autoritário cede lugar a um capitalismo hedonista e permissivo ((LIPOVETSKY, 2005, p. 32).

Para Lipovetsky (2005, p.83), é no curso dos anos de 1960 que o pós-modernismo revela suas principais características com seu radicalismo cultural e político, e seu hedonismo exacerbado. Nessa época surgem as revoltas estudantis, a liberação sexual, a ênfase da maconha e Dietilamida do Ácido Lisérgico (LSD), o aumento da violência e da crueldade nos espetáculos, as publicações de filmes pornô, uma nova etapa em que a cultura se harmoniza com a liberação, com o prazer e com o sexo. Deste modo, o pós-modernismo é o momento em que o prazer e o estímulo dos sentidos tornam-se os valores dominantes da vida comum.

A sociedade contemporânea mede suas realizações baseadas nas realizações de outros homens, o que importa realmente, não é a realização de um sonho ou o sucesso alcançado. Para Christopher Lasch (1983, p.87), sua “autoaprovação depende do reconhecimento e aclamação públicos”. Essa aprovação hoje é baseada nos atributos pessoais do indivíduo e não em suas ações, ele deseja nem tanto ser estimado, mas admirado. A figura de *Narciso*, ao apaixonar-se por sua imagem, simboliza para nós a incapacidade do indivíduo em se relacionar com os demais, demonstra a despreocupação com a necessidade do outro, o outro é importante apenas para admirá-lo, para servir de medida para seu sucesso pessoal.

Numa mesma ótica, mas quanto à identidade do sujeito pós-moderno, Stuart Hall (2006, p.13), declara que este sujeito, antes possuía uma identidade unificada e estável, hoje está composto de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não-resolvidas, ele se apresenta contextualizado como desprovido de uma identidade fixa, essencial ou permanente. A globalização tem contribuído para o surgimento de novas identidades e, fragmentando esse indivíduo moderno, as identidades estão passando por um processo de descentralização ou fragmentação desse indivíduo. “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em

diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p.13).

O sujeito pós-moderno, possuidor de uma identidade contraditória, que varia de acordo com as formas pelas quais ela é representada ou interpelada nos sistemas culturais que o rodeiam, assume identidades de acordo com a ocasião e o momento.

Afirma, também, que a modernidade libertou o homem das tradições que eram divinamente estabelecidas. O sujeito moderno surgiu como fruto do ceticismo. Esse homem rompeu com o passado, e nesse processo sem fim de rupturas e fragmentação do seu próprio interior, passou a viver uma completa heterogenização cultural. O sujeito moderno não se identifica apenas com sua cultura específica, mas com identidades comuns à humanidade. Dessa forma surge uma nova concepção do sujeito individual.

Fredric Jameson (*Cf.*,1993, p.27) declara que o pós-modernismo não é apenas mais um termo para descrever um estilo específico de vida, mas um conceito periodizante, com o objetivo de correlacionar a emergência de novos aspectos formais da cultura com a emergência de um novo tipo de vida social e com uma nova ordem econômica. Pode-se dizer que essa nova era da sociedade ocidental, teve início com o surgimento de uma política voltada para o bem-estar social e da liberação total do mercado, sendo que esse, aos poucos, determinaria todas as ações do homem.

Com o pós-modernismo uma nova sociedade começou a emergir, uma sociedade descrita como sociedade pós-industrial, capitalismo multinacional, sociedade do consumo, da mídia, um ritmo cada vez mais rápido de mudanças na moda e no estilo, a penetração da propaganda, da televisão e dos meios de comunicação. Esse pós-modernismo é descrito como radicalmente transformador do sujeito através da extinção de sua cultura. A partir de então, surgiu um novo perfil social, uma era da racionalidade, da ética narcisista, sendo a competição (e não a competência) entre os homens o que importa.

A sociedade pós-moderna é certamente a sociedade dos meios de comunicação, da imagem e do consumo. Embora muitos pesquisadores encontrem dificuldades em estabelecer o que de fato é o pós-modernismo, é possível observar as profundas transformações sociais que marcaram a transição do período moderno para o período pós-moderno. Este último é fortemente marcado pelo processo de reprodução da vida social por meio de produção e consumo de

mercadorias em que todas as pessoas do mundo capitalista estão envolvidas. Para David Harvey (2002, p.307), o capital é um processo regido por regras, de maneira a garantir que este seja um modo dinâmico e revolucionário de organização social que transforma a sociedade inserida nesse regime. Estamos na era da racionalidade, da instantaneidade e instabilidade. Os indivíduos criam novos perfis sociais e estilos de vida à medida que são obrigados a satisfazer suas necessidades emocionais e de *status*. Dessa forma suas crenças e convicções nunca se tornam sólidas.

O processo mascara e fetichiza, alcança crescimento mediante a destruição criativa, cria novos desejos e necessidades, explora a capacidade do trabalho e do desejo humanos, transforma espaços e acelera o ritmo da vida. Ele gera problemas de superacumulação para os quais há apenas um número limitado de soluções (HARVEY, 2002, p. 307).

Estamos vivendo a era do excesso e do vazio e, sem dúvida, a contemporaneidade identifica-se com a figura mitológica de *Narciso*. Em tempos de sociedade pós-moderna, tem-se um novo perfil de indivíduo que sofre influência de narcisismo nos seus padrões de personalidade. A pós-modernidade gerou indivíduos frágeis na construção de suas relações e projetos, desapegados de suas crenças e valores. Atualmente as grandes questões filosóficas, políticas e econômicas tornaram-se neutras e banais. Na mesma medida em que a esperança revolucionária e a contestação estudantil desapareceram, o essencial está na esfera do privado, o cuidado excessivo pelo indivíduo com relação ao seu bem-estar, cuidar da saúde, do corpo, da imagem e preservar a própria situação material.

A sociedade narcisista vive a perda do sentido e a era do hiperinvestimento do espaço privado, vive o presente, não mais em função do passado ou do futuro. “Hoje em dia vivemos para nós mesmos, sem nos preocuparmos com as nossas tradições e com a nossa posteridade: o sentido histórico foi abandonado, da mesma maneira que os valores e as instituições sociais” (Lipovetsky, 2005, p.33).

Estamos perdendo o sentido de continuidade histórica, de que pertencemos a uma sucessão de gerações passadas e que se prolongarão no futuro. O importante (infelizmente) é viver o momento e viver para si, e não para os que virão a seguir. A sociedade narcisista não se preocupa com o futuro porque, em parte, tem pouco interesse no passado, e libertada do passado, esta duvida até mesmo da realidade de sua própria existência.

Diante da ausência de sentido de posteridade, da desvalorização cultural do passado, os

indivíduos narcisistas centralizam-se apenas no eu, fixam seus olhos em seus próprios desempenhos particulares, tendo a sobrevivência individual, como o seu único bem.

É o enfraquecimento do sentido do tempo histórico – em particular, a erosão de qualquer preocupação maior com a posteridade – que distingue a crise espiritual dos anos setenta das erupções mais primitivas da religião milenar, com as quais mantém uma semelhança superficial (LASCH, 1983, p.25).

A globalização é fruto da revolução tecnológica e informacional. Essa revolução gerou renda e melhores condições de vida, contudo alterou o modo de agir e pensar dos indivíduos, gerando a crise de identidade. Os valores tradicionais estão sendo substituídos pelos valores materiais. As relações entre as pessoas estão cada vez mais insólitas. A sociedade atual está dividida entre vencedores e perdedores, entre a elite e a massa alienada que segue os padrões de conduta impostos pela classe dominante.

Diante de sua onipotência e da perda da autossuficiência o indivíduo contemporâneo não é mais capaz de educar seus filhos sem o auxílio de especialistas garantidos, tornando-se dependente do “Estado, da corporação e de outras burocracias” (LASCH, 1983, p.30).

Por fim, o indivíduo narcisista é fruto de uma sociedade hedonista e não consegue mais satisfazer suas necessidades materiais e sentimentais, tendo uma vida infeliz e sem sentido. Como possui enorme carência de admiração, o narcisista busca validar sua autoestima no outro e quando esse não serve mais de referencial para sua identificação, ele se volta para si buscando sua sustentação na própria imagem. Característica do narcisismo, o voltar-se para si, predomina nele o sentimento de vazio. *Narciso* apaixonou-se por si, mas não é capaz de amar o outro.

Dessa forma, o indivíduo contemporâneo sofre os reflexos da personificação de *Narciso*, que vê o mundo como um espelho de sua própria imagem, para assim sentir-se admirado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento do homem sobre si mesmo, sempre foi a mais elevada indagação filosófica. Até mesmo os pensadores mais céticos admitiram a necessidade do conhecimento próprio como pré-condição da realização humana. O autoconhecimento deve ser uma prática que

estímulo o verdadeiro compartilhamento, formando espíritos capazes de organizar os conhecimentos individuais, possibilitando a colocação do saber particular a serviço da comunidade.

No entanto, a sociedade contemporânea é caracterizada pela cultura narcisista, termo que pode ser utilizado como sinônimo de individualismo. Ela é formada por indivíduos que têm como elementos relevantes a imagem, o consumo, a necessidade de reconhecimento pelos “outros”. A moda e a mídia têm grande influência nessa sociedade que se tornou a sociedade do consumo em que a felicidade e a realização pessoal se medem pelo número de bens materiais que se pode comprar.

Estefânea de Vasconcellos Guimarães (2003, p.23), acentua que o mundo tornou-se um grande *showroom*, objetivando impressionar e agradar aos consumidores. O consumo não está ligado apenas a produtos e serviços, mas também à imagem do indivíduo. Assim as relações humanas se tornam relações de ganho. O indivíduo pós-moderno que não possui uma identidade estável será fortemente influenciado pelas possíveis formas de identificação presentes na cultura narcisista. Para Hall (2006, p.75), foi a difusão do consumismo que contribuiu para o que ele chamou de “supermercado cultural”, em que várias identidades são apresentadas para serem escolhidas e consumidas.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha (HALL, 2006, p. 75).

Quanto ao poder do mito, este se revela de fundamental importância. Apresenta modelos, paradigmas de comportamento que advêm da natureza humana. Assim, confere significação, linguagem, valores e representações ao homem frente ao Mundo. Sintetiza as mais profundas aspirações humanas, ajudando o homem a compreender e explicar a realidade frente à condição humana e diante de tudo que a cerca.

Enfim, das águas míticas do *Stygian*, nasceu o objeto de amor de *Narciso*, sua própria imagem pela qual, de beleza arrebatadora, apaixonou-se e morreu. Assim, na sociedade

contemporânea, muitos vivem deste mesmo amor, desse “eu” arrebatador, sem sentimentos, frio e calculista. Cabe aos homens contemporâneos, debruçarem-se sobre suas próprias águas e, juntamente, refletirem sobre esta condição humana. Assim, em nosso tempo, contrariando Tirésias sobre o que dissera a deusa Liriope, convém lembrar as palavras de Sócrates (470/460-399 a. C.) dirigidas para os mortais: “conhece-te a ti mesmo” e “a vida que não é refletida, não vale a pena ser vivida”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 2009. V. 2.

CASSIRER, Ernest. **Linguagem e mito**. Trad. J. Guinsburg; Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem**. Trad. Vicente Felix de Queiroz. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

COMMELIN, P. **Mitologia Grega e Romana**. 2. ed., Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. E-book digitalizado por Coletivo Periferia e eBooks Brasil, 2003

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 6. ed., Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. 5. ed., Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GUIMARÃES, Estefânia de Vasconcellos. Consumo: seduções e questões do supermercado social. In: ZILLOTTO, Denise Macedo (Org). **O consumidor: objeto da cultura**. Petrópolis: Vozes, 2003. p.23-38.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed., Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 11. ed., Trad. Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola. 2002.

JAMESON, Fredric. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, E. Ann (Org). **O Mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge

Zahar Ed, 1993. p.25-44.

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. 7. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Trad. Ernani Payaneli Moura. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1983.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Trad. Therezinha Monteiro Deustsch. Barueri: Manole, 2005.

NOVASKI, Augusto. Mito e racionalidade filosófica. *in*: MORAES, R. (Org.). **As Razões do mito**. Campinas: Papyrus, 1989.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Trad. Vera Lúcia Leitão Magyar. São Paulo: Madras Editora Ltda, 2003.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: filosofia pagã antiga**. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003. V. 1.

SILVEIRA, Carlos Roberto. A inveja e a justiça na poesia filosófica dos aedos. **Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia**, Sítio: <http://www.theoria.com.br/> - ISSN: 1984 - 9052, Volume II, Número III, p. 62-75, 2010.